

Desafios epistemológicos: os estudos organizacionais e a pesquisa no campo da arte¹

Cecília Oderich²

Este trabalho apresenta um breve relato sobre o percurso por mim vivenciado no campo das Ciências Sociais Aplicadas. Minha formação acadêmica, no caso, graduação e mestrado em Administração, foi realizada com base em uma lógica predominantemente positivista, da ciência moderna. Busquei um doutorado que pudesse me trazer novos aportes e oportunidades de aprendizado, em confluência a uma série de questionamentos que eu vinha tendo sobre a vida, o mercado, e a minha atuação pessoal e profissional neste contexto. Neste sentido, candidatei-me e ingressei na área de Estudos Organizacionais, a qual, mesmo sendo em Administração, instigava-me por abordar temas críticos da área. Ao iniciar os estudos no doutorado, além de expandir meus horizontes teóricos, adentrei em novas perspectivas epistemológicas e novas possibilidades metodológicas.

Estou no meio do processo de doutoramento, e o objeto de pesquisa já está delimitado: será no campo da arte, mais especificamente da sétima arte, o cinema. Estou pesquisando em especial o *cinema brasileiro independente*. Além da ampliação do arcabouço teórico em curso a partir de diversas disciplinas instigantes e desafiadoras, as orientações e a escolha do objeto no campo artístico incitaram a busca por novas possibilidades filosóficas, teóricas e metodológicas.

Interessante observar que este campo de pesquisa evidencia disputas, contradições e conciliações, as quais percebo em mim mesma como pessoa, professora e

¹ GT04: Perspectivas epistemológicas, vivências e outras racionalidades: implicações e desafios para o fazer científico contemporâneo

² Doutoranda em Administração com ênfase em Estudos Organizacionais PPGA/UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Porto Alegre, RS, Brasil; cloderich@ig.com.br

pesquisadora, e as quais internamente também originaram a minha busca por algo novo. Ou seja, percebo que o objeto de pesquisa se constrói a partir das minhas próprias inquietudes. No campo teórico e prático, a disputa de racionalidades pode ser analisada desde a conceituação abrangendo os significados de arte e de indústria cultural, quando a própria delimitação de fronteiras entre cinema industrial e cinema artístico se apresenta como um desafio, ou até mesmo uma impossibilidade. Para identificar e analisar as racionalidades, sem pretensão dicotômica, a qual pode ser limitante, mas a fim de refletir a partir de contrapontos, tenho observado a expressão da *racionalidade instrumental*, evidente na modernidade e no mercado, através da busca utilitarista e racional, teoricamente expressa em obras a exemplo de Weber (1989, 1995) e, por outro lado, a *racionalidade substantiva*, sobre a qual encontrei as bases especialmente nas obras do autor brasileiro Guerreiro Ramos (1989).

A arte pode ser um espaço de não submissão à lógica instrumental, ou seja, um espaço de inclusão e de reflexão a partir da presença de uma racionalidade substantiva. Mas o conceito de *indústria cultural* (ADORNO, 1975, ADORNO E HORKHEIMER, 1947, BENJAMIN, 1955, COHN, 1998) traz a discussão sobre fragmentação, divisão do trabalho, previsibilidade, funcionalidade, replicabilidade e rentabilidade no campo da arte, inclusive é abordada a suposta perda da “aura” da arte, na chamada indústria cultural. O cinema, pela evidente aplicação tecnológica, é uma arte representativa neste debate.

O cinema brasileiro tem se deparado com um contexto que impulsiona suas formas organizativas na direção da racionalidade industrial. Ao mesmo tempo, a arte pode ser um espaço de subjetividade, de criatividade, de não submissão à lógica instrumental. A partir destes estudos, escolhi pesquisar o cinema brasileiro independente, mas permanece palpitante a questão: é possível delimitar fronteiras entre *cinema industrial* e *cinema artístico*, ou entre *arte* e *indústria cultural*?

Outra questão que me instiga, neste momento, é o que entendo por *pesquisa*. Ao observar minhas escolhas teóricas, percebo minha tendência epistemológica ancorada na

fenomenologia e no estruturalismo, até mesmo pela minha trajetória até o momento. Ao mesmo tempo, percebo a minha visão crítica e questiono o conceito de “verdade”. Tenho simpatia mas, ainda, insegurança para trabalhar com a abordagem pós-estruturalista. Busco manter a postura questionadora e nutrir o aprender a lidar com a inconstância do conhecimento, em um processo dinâmico e transformador. Neste aprendizado de lidar com a “relatividade” do conhecimento, pergunto-me: *o que é, e como se faz pesquisa no campo da arte?*

As escolhas metodológicas tem sido análise, reflexão e perspectiva histórica, na busca por situar o cinema brasileiro independente e seus múltiplos significados contextuais inter-relacionados política, econômica e socialmente. Também, pretendo incluir a pesquisa participativa e seguir na busca da consciência da própria consciência, ou seja, experimentar e entender os porquês das minhas escolhas.

Nesta trajetória, recentemente encontrei as ideias de Ranciere (2009), autor que tem contribuído com as minhas reflexões, ou até com o meu *entendimento sobre o desentendimento*. Para compreender as relações entre política e estética, o autor recupera a concepção de comum e o conceito de *desentendimento* que compreende o *conflito entre aqueles que falam, por exemplo, cinema, mas compreendem coisas distintas sobre o que é cinema, ou ainda que o outro diga a mesma coisa mas, com terminologia similar*. Não é o mesmo que mal-entendido (imprecisão) ou desconhecimento (ignorância, dissimulação ou ilusão). Desentendimento também é disputa de significado e de racionalidade, remete ao *conflito acerca do objeto e da condição dos que o constituem como objeto*.

Referências

a) Livros:

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 2, n. 1, 2018.

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: nacional, 1975.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 3º Ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1947.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. 1955.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *A Nova Ciência das Organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1989.

RANCIERE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO Experimental, Ed 34, 2009.

RANCIERE, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

WEBER, Max. *Ética protestante e espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1989.

WEBER, Max. *Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música*. São Paulo: EdUSP, 1995.

b) Artigos em coletâneas:

COHN, Gabriel. A atualidade do conceito de indústria cultural. In: MOREIRA, A. (org.). *Sociedade Global: cultura e religião*. São Paulo: Vozes, 1998.